

MATERIALIDADE E IMATERIALIDADE: O TRAJE DAS LAVRADEIRAS DE VIANA DO CASTELO NO SEGUNDO QUARTEL DO SÉCULO XX

ELIANA AMORIM

O presente artigo é o resultado de um estudo sobre os trajes das lavradeiras de Viana do Castelo nos anos trinta e quarenta do século passado, feito através de entrevistas a pessoas que habitaram esta cidade nesse período temporal. A recolha de informações que aqui se apresenta visou não só questões do ponto de vista da materialidade deste vestuário – cores, formas, materiais, entre outros - como da sua imaterialidade através de elementos como o processo de fabrico, o uso ou o simbolismo.

INTRODUÇÃO

Em conversas com lavradeiras octogenárias de Viana do Castelo, facilmente se percebe que há muito mais a falar sobre os trajes desta região para além das suas qualidades físicas. O interesse no tema levou a que se fizesse um estágio curricular¹ no Museu do Traje de Viana do Castelo, com o apoio científico da Universidade do Porto, onde foi desenvolvido o estudo que é aqui apresentado de forma resumida.

Tratou-se de uma investigação cujo objectivo foi recolher informações sobre a forma de trajar das lavradeiras vianenses no segundo quartel do século XX, envolvendo questões da materialidade, mas sobretudo da imaterialidade do uso destes trajes. Para tal foram entrevistadas dez pessoas com mais de setenta anos em dez freguesias do concelho² num total de cem idosos. Algumas das questões colocadas

¹ Integrado no segundo ano do Mestrado em História da Arte Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, entre 2009 e 2010, sobre a orientação do Professor Doutor Manuel Engrácia Antunes, do Professor Doutor Luís Alberto Esteves dos Santos Casimiro e do Director do Museu do Traje de Viana do Castelo, o Dr. João Alpuim Botelho.

² O critério teve como base textos do início do século XX que referem determinadas freguesias como as mais impulsionadoras do uso destes trajes. São estas: Afife, Carreço, Areosa, Meadela, Santa Marta de Portuzelo, Perre, Outeiro, Serreleis e Cardielos.

foram: *Como se vestiam em dias de festa?, Como se vestiam as mães e avós?, Que roupa levavam no casamento e funeral?, Como tingiam as lãs?, Onde compravam os materiais?, Quem confeccionava os trajes?, Como os conservavam?, Como se veste o traje? ou Que quantidade de ouro usavam?*

Para um melhor entendimento das respostas obtidas torna-se necessário compreender o contexto em que estas senhoras cresceram: um período marcado pelo surgimento de grupos folclóricos e de políticas de protecção ao uso destes trajes que ameaçavam desaparecer devido à entrada no mercado de materiais de produção industrial. Foram criados padrões e vinculadas ideias daquilo que estava certo ou errado, ideias estas que ainda perduram.

Por outro lado, esta divulgação e promoção fez com que a esfera de uso se alargasse a outras classes sociais, fazendo assim todo o sentido alargar também esta investigação a todas as mulheres da área geográfica em estudo, independentemente da sua profissão, uma vez que todas tinham o seu ponto de vista sobre o tema e que todas, de uma forma ou de outra, acabaram por intervir no uso destes trajes.

Com isto, temos um vestuário muito vasto em que tecidos de linho e lã produzidos artesanalmente se misturam com chitas de algodão de produção industrial. Jovens lavradeiras começam a usar saias de fazenda e sapatos em dias de festa, enquanto senhoras de classes sociais mais altas vestem camisas de linho e calçam chinelas para com elas desfilarem em cortejos etnográficos. Vejamos então estas mudanças que o século XX trouxe à cidade de Viana.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Viana do Castelo, cidade situada na foz do Rio Lima e no sopé do Monte de Santa Luzia, tem uma vegetação muito densa e abundante em terrenos férteis que são regados por inúmeras ribeiras. Neste espaço propício a plantações agrícolas, destacava-se também a pesca, as trocas comerciais, as artes decorativas e o artesanato, áreas que permitiram gerar bons meios de subsistência aos habitantes. Estas áreas profissionais que eram muitas vezes complementos dos trabalhos agrícolas, delegavam na mulher maiores responsabilidades e autonomia: enquanto o homem ia trabalhar como estucador, por exemplo, a mulher ficava em casa a trabalhar na lavoura e a fazer toda a gestão da vida familiar.

Foi esta emancipação da mulher que levou as lavradeiras das freguesias de Afife, Carreço, Areosa, Meadela, Santa Marta de Portuzelo, Perre, Outeiro, Serreleis e Cardielos a criar e usar as tipologias de vestuário que aqui serão abordadas.

A origem destes trajes não está associada a um momento ou facto concreto pelo que se torna mais correcto falar de um processo evolutivo.

Em 1930, Cláudio Basto alerta:

«O fato evoluciona, – é natural, é obra inevitável do tempo.

Vai-se apurando o gôsto, vai-se apurando a arte de tecer e bordar. [...] A evolução do fato não pára hoje, como não parou há vinte anos, há cinquenta anos, como nunca parou.

Digo isto porque ouço falar muito em trajes *a rigor*. Mas ¿ que é traje a «rigor»?³»

É natural que tendo o vestuário um propósito funcional, se adapte às necessidades do utilizador, no entanto, habituámo-nos à musealização destes trajes que já há muito não são utilizados nas mesmas situações que eram originalmente. Esta musealização foi feita por eruditos que tentaram criar padrões para os definir; pelos grupos folclóricos que tiveram necessidade também de os padronizar; e por toda a sociedade que necessitou simplificar a sua compreensão e uso.

A título de exemplo, Abel Viana e Manuel Couto Viana, no início no segundo quartel do século XX, defendiam que os trajes à Vianesa “surgiram” em meados do século XIX e foram sofrendo alterações até finais desse século. Actualmente consegue-se ter a percepção que as alterações nunca pararam até à actualidade, mesmo que de forma mais lenta, com alterações dos bordados das camisas, coletes e saias; com novos materiais e elementos decorativos nas algibeiras; e também com o uso de lã e linho de fabrico industrial.

Com a crise económica em 1890 e com a I Guerra Mundial em 1914-1918, os produtos industrializados demoraram a chegar às mãos destas lavradeiras. Com isto, o uso do linho e lã, e por consequência as tipologias de vestuário que usavam, demoraram a desaparecer. O surgimento gradual de materiais industrializados proporcionou a existência de um largo período de transição entre os materiais artesanais e os industriais, que corresponde em parte ao período de tempo que esta investigação abrange.

³ BASTO, Cláudio – *Traje à Vianesa*. Gaia: Edições Apolino, 1930, p. 39.

Paralelamente ao desuso e modificação destes trajes surgiu um gosto e interesse neste tema por parte de eruditos e artistas plásticos.

«[...] a verdade é que o romantismo dos finais de oitocentos trouxe para Portugal esse interesse das elites pelo povo, e pelas suas tradições, que passaram a ser investigadas, divulgadas e estilizadas, num trabalho que o Estado Novo, ao longo do segundo terço do século XX, se encarregou de ampliar. O exemplo máximo deste percurso é, sem dúvida, o traje à vianesa, que muito graças à sua associação às Festas d'Agonia se transformou “num dos ícones de raiz etnográfica e popular com maior projecção e visibilidade a nível local e nacional”, como nota o sociólogo Albertino Gonçalves⁴.»



Fruto deste interesse crescente, nos anos vinte do século passado, começaram a surgir estudos sobre estes trajes, sendo um dos mais conhecidos, o “Traje à Vianesa”, de Cláudio Basto, editado em 1930.⁵

Paralelamente a estes estudos surgiram também formas de protecção e promoção em parte fruto do trabalho do SPN (Secretariado de Propaganda Nacional). Num período marcado pelas duas Grandes Guerras, Portugal tentou passar a imagem de um país povoado por alegres camponeses dotados de excelentes capacidades artísticas e um gosto estético muito apurado. O colorido e riqueza decorativa do traje à vianesa não poderiam servir melhor este propósito!

Esta promoção é notória, por exemplo, nos cartazes da Romaria de Nossa Senhora da Agonia criados por Manuel Couto Viana, nos quais fez sempre questão de representar este traje.

Outro aspecto interessante é a proibição do uso do traje à vianesa em festas de carnaval pois era tido como uma forma de desprestigiar este vestuário.

Imagem 1 - Jovens com traje de mordoma na Festa do Traje durante a Romaria de Nossa Senhora da Agonia nos anos 40 do século XX.

⁴ COENTRÃO, Abel – O Traje à Minhota, ou a Breve História de como se Constrói a Imagem do Povo. *A Falar de Viana*. Viana do Castelo: Viana Festas - Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo, 2008, p. 11-12.

⁵ BASTO, Cláudio – *Traje à Vianesa*. Pág39

A partir de 1920 começaram a ser feitos concursos de trajes na Festa do Traje na Romaria de Nossa Senhora da Agonia. Inicialmente, as jovens participantes mais bem vestidas recebiam um prêmio, no entanto, esta iniciativa não deu grandes frutos, sendo o número de participantes entre quinze a vinte. Mais tarde, a atribuição dos prêmios, que no caso eram peças de joalheria, ao ser feita por sorteio, conseguiu atrair mais jovens.

Pela mesma altura surgiam várias embaixadas folclóricas que percorreram diversas cidades do país. «Em 1919 estava-se no início dessas exposições artísticas, de intenção nacionalizante e bairrista, que, a partir de 1924, muito na estreia do rancho que Carreço se confiara à minha orientação, rapidamente se generalizara sob a designação de festas folclóricas⁶.»

Em 1928 foi criado, oficialmente, o Rancho Regional das Lavradeiras de Carreço, o primeiro grupo folclórico português. Enquanto Abel Viana se dedicava ao estudo de etnografia, Carlos Sampaio ensaiava este grupo.

Por volta de 1932, começa-se finalmente a sentir um franco interesse pelo uso destes trajes por parte do povo. Um dos pontos onde se notou maior adesão ao seu uso foi a parada agrícola da Romaria de Nossa Senhora da Agonia.

O sucesso começa a ser tal, que este tema tratado apenas por eruditos, passa a ser promovido e até estudado por simples curiosos. Espalha-se assim o gosto pelos trajes pelas diversas freguesias do concelho, com “embaixadores” em cada uma delas que promovem a criação de grupos folclóricos e a utilização destes trajes em diversos momentos das suas festas. Segundo Manuel Couto Viana, «Em cada freguesia surgia enfim um entusiasta, auxiliar preciso e indispensável obreiro neste trabalho de fazer regressar aos seus usos e costumes tradicionais esta região de maravilha⁷.»

«Nas últimas décadas, devido ao apreço verificado pelas manifestações folclóricas, na romaria vianense de Nossa Senhora da Agonia e duma intensa propaganda regionalista, todos estes trajes, buscados no fundo das caixas, são usados nas grandes festas aldeãs⁸.»

⁶ VIANA, Abel – *O Alto-Minho na Obra Etnográfica de Abel Viana*. apud BOTELHO, João Alpuim; MEDEIROS, António; PEREIRA, Benjamim – *Uma Imagem da Nação: Traje à Vianesa*, p. 35.

⁷ VIANA, Manuel Couto – Como e quando surgiu nas lavradeiras o gosto pelo uso do seu lindo traje de Festa. Roteiro de Viana. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1969. apud BOTELHO, João Alpuim; MEDEIROS, António; PEREIRA, Benjamim – *Uma Imagem da Nação: Traje à Vianesa*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2009, p. 269.

⁸ ARAÚJO, José Rosa – Algumas Notas Sobre o Traje Popular do Baixo Lima. *Arquivo do Alto Minho*. Viana do Castelo: Arquivo do Alto Minho, 1955, Vol. 5, p. 141-142.

Por outro lado, até cerca de 1870, estes trajes eram praticamente desconhecidos pelos portugueses. Com o crescente interesse neste tema por parte das elites e mais tarde da população em geral, começaram a tornar-se num ícone da cultura Minhota e até de todo o país.

Uma das primeiras formas de divulgação foram as festas de Carnaval, nas quais, a partir dos anos oitenta, senhoras de todo o país usavam estes trajes. Em 1896, já se alugavam e vendiam trajes com o propósito de serem usados como máscaras carnavalescas.

Com o acentuar do patriotismo, surgem entre 1870 e 1830, inúmeros movimentos nacionalistas por toda a Europa, como bandeiras e hinos. Em Portugal, os trajes à vianesa tornam-se num ícone nacional graças à maior circulação de pessoas e imagens. Nesse sentido é de salientar, por exemplo, que em 1878 chega o Comboio a Viana do Castelo, e que em 1880 abre o primeiro estúdio fotográfico do país.

Esta “moda” do traje à vianesa, chega aos fotógrafos e a famílias abastadas, que comprando ou alugando trajes, se fazem fotografar com estes.

O aumento das vendas fez com que houvesse um crescente fabrico de peças de péssima qualidade que nada têm a ver com os originais. Este fabrico era muitas vezes feito noutras zonas do país.

Por outro lado, a instabilidade política entre 1920 e 1930, adiou o surgimento de medidas de apoio à promoção dos trajes. Estas apareceram com o “Estado Novo”, em 1933, como forma de promoção do regime. Incentivaram-se os cortejos, festivais, exposições, grupos folclóricos, entre outros, que tiveram grande aceitação por parte das camadas mais jovens.

Foi neste contexto, que muitas das senhoras entrevistadas usaram os seus trajes à vianesa ou entrevistaram de alguma forma no seu uso nos anos 30 e 40 do século XX.

RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

Das informações recolhidas, relativamente à indumentária que as lavradeiras utilizavam quando estavam a trabalhar, concluiu-se que as mais jovens usavam lenços com menor frequência que as senhoras que na época tinham mais idade. A sua utilização restringia-se à protecção contra o frio ou contra o sol podendo usar também um chapéu de palha.

A roupa interior estava na época a sofrer grandes alterações: os coletes exteriores utilizados pelas avós ou bisavós, que poucas das entrevistadas viram a ser utilizados, foram substituídos anos antes por coletes interiores em algodão branco que nos anos 30 e 40 já estavam a ser substituídos por sutiãs. A maioria usou sempre cuecas mas recor-

dam-se de pessoas de gerações anteriores não usarem. A inexistência destas obrigava a que se cruzasse a camisa entre as pernas e se colocasse panos entre esta e o corpo para absorver os fluxos do período menstrual.

Ainda a respeito do uso de coletes, percebe-se que ao caírem em desuso as camisas de linho, pela entrada dos tecidos de chita no mercado, mais coloridos e baratos, desaparecem também os coletes exteriores por já não se adequarem esteticamente à nova tipologia de “camisa” (blusa de chita). A verdade é que estes coletes tinham uma função prática - a de sustentação do peito - e foi por isso que não desapareceram - passaram para coletes interiores. Mas as blusas de chita não alteraram só o uso dos coletes: eliminaram a utilização dos meios lenços de peito⁹.

No que respeita às saias, ainda prevaleciam as saias de lã com padrões de riscas pretas, brancas e vermelhas e com muita roda, cuja substituição foi feita pelas saias de fazenda travadas, mas nas décadas seguintes. Por baixo destas usavam saiotes de algodão branco no Verão ou de fazenda espessa em xadrez preto e vermelho no Inverno. O comprimento ia, em média, até meio da perna.

Outro aspecto interessante é referido por uma das entrevistadas: o facto das saias de riscas não se adaptarem ao aumento da barriga na gravidez. «Era comum as lavradeiras não terem roupa específica para quando estavam grávidas. Usavam as saias de riscas as quais ficavam levantadas da parte na frente devido ao volume da barriga¹⁰.»

São raras as entrevistadas que referem ter conhecido pessoas que usavam aventais de lã para trabalhar. Estes estavam praticamente banidos nesta época, tendo sido substituídos pelos aventais de chita e riscado. Um testemunho de Afonso do Paço em 1926 refere esta dualidade: «O *avental* é também às riscas e tecido pelas lavradeiras ou de riscado de algodão, muitas vezes com um bolso que substituiu a algibeira, de que se faz uso com este vestuário¹¹.»

A algibeira era apenas utilizada por pessoas mais idosas, e só por aquelas que tinham que guardar dinheiro. O seu desaparecimento parece inevitável dada a existência de bolsos nos novos aventais, tal como foi acima referido.

Ainda a respeito das algibeiras, foi também mencionado pelos entrevistados que estas eram usadas escondidas por baixo do avental

⁹ Trata-se de lenços quadrados que ao serem cortados na diagonal ficam com forma triangular e são vulgarmente chamados de “meios lenços”. Estes eram colocados sobre os ombros e as suas pontas mais longas cruzadas sobre o peito de forma a encobrir os cordões que apertam o colete.

¹⁰ Maria Irene de Sousa Passos, natural da freguesia da Meadela, nasceu a 1 de Março de 1938.

¹¹ PAÇO, Afonso do - *Etnografia Vianesa: Colectânea de Trabalhos de Etnografia*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1993, p. 50.

ou mesmo por dentro da saia. A intenção de esconder o dinheiro faz todo o sentido quando se está a falar de uma época em que o uso das algibeiras era quase exclusivo de senhoras que andam com quantias avultadas tal como relatou Maria Martins Enes¹², uma leiteira que escondia a algibeira por trás do avental de chita. Segundo a mesma, todas as leiteiras usavam algibeira a qual tinha a mesma forma da do traje à vianesa mas com decoração muito mais simples e feita em tecidos mais baratos.

Alguns dos entrevistados referem que os tecidos de linho e lã eram muito caros. Isto é um forte motivo para o incentivo à compra de tecidos de chita e riscado para blusas e aventais, mas torna-se interessante notar que nos homens o uso do linho e de estopa¹³ no traje de trabalho subsistiu durante muito mais tempo. O principal motivo poderá ser o facto das chitas, em geral, terem padrões muito coloridos que agradavam mais à sua aplicação em vestuário feminino mas também se poderá dever à sua fraca resistência.

Relativamente ao vestuário das habitantes de São Lourenço da Montaria¹⁴, estas usavam camisas de linho, coletes, lenços, meias grossas, e faziam caracóis em madeixas de cabelo que caíam sobre a testa. Por ser uma freguesia serrana, e cujos acessos ao centro da cidade eram difíceis, o vestuário destas mulheres sofreu influências da industrialização mais tardiamente.

Quanto à cor da roupa e à espessura dos materiais, estes dependiam da época do ano e das tarefas agrícolas a desempenhar. Independentemente da idade, a cor preta era associada ao luto, por isso, as mulheres que não estavam de luto não usavam esta cor no vestuário, no entanto, havia uma tendência para o uso de cores mais escuras por parte de pessoas mais idosas.

O calçado, alternava entre socos e botas ou andavam descalças. Durante o Inverno usavam meias e para tarefas no monte polainas¹⁵. Os socos são uma tipologia que foi utilizada até ao último quartel do século XX e que ainda hoje permanece mas de confecção industrial com materiais sintéticos.

Ao domingo, dia em que iam à missa, ao terço, estar com as amigas ou namorar, a maioria das senhoras usava uma roupa idêntica à utilizada para trabalhar mas de melhor qualidade.

¹² Maria Martins Enes, natural da freguesia da Areosa, nasceu a dois de Abril de 1932.

¹³ Estopa, *s. m.* parte grossa que fica do linho quando é asedado.

¹⁴ Situada em plena Serra de Arga, é uma das freguesias do distrito de Viana do Castelo que se localiza numa altitude mais elevada o que durante muitos anos dificultou a comunicação entre a sua população e os restantes habitantes do distrito, isolando-a geograficamente.

¹⁵ Polaina, *s. f.* peça de vestuário que resguarda a perna e a parte superior do calçado.

Algumas usavam saias travadas de fazenda ou vestidos, blusas de chita, chinelas ou sapatos mas estes eram mais raros. As gerações anteriores usavam saias de riscas cujo comprimento ia até ao tornozelo. Podiam ou não usar avental, mas caso usassem, este era de popelina¹⁶, mais bordado que os usados para trabalhar e com folhos à volta. Em domingos mais festivos, podiam usar aventais de veludo sobre as saias de fazenda.

A substituir o uso dos lenços nas missas, começou a surgir nos anos 40 o uso do véu.

Ao se compararem com a forma como as senhoras de classes sociais mais abastadas se vestiam, as lavradeiras descrevem o vestuário destas como sendo mais justo, com o uso de sapatos, casacos, vestidos, saias mais curtas e travadas, e tudo confeccionado com produtos mais caros e de melhor qualidade.

Quanto aos trajes regionais, uma grande parte das entrevistadas disse ter tido um traje à vianesa vermelho, e uma minoria o traje à vianesa de dó, azul¹⁷.

O maior número de mulheres sem traje concentrou-se nas freguesias de Santa Maria Maior e Monserate, o que faz todo o sentido uma vez que são as freguesias que constituem o centro da cidade e por isso com menor ligação ao meio agrícola. Apesar de nunca terem tido traje, trajaram uma ou mais vezes durante a adolescência através de empréstimos.

Não foi possível averiguar se as mães ou as avós das entrevistadas tinham traje ou não pois a maioria não se recordava. A verdade é que sendo este traje utilizado pelas mulheres mais jovens, era natural que as filhas nunca vissem as mães trajadas. Por outro lado, os trajes poderiam ter

Imagem 2 -
Conceição Gigante
com traje à vianesa
nos anos 40 do
século XX



¹⁶ Popelina, s. m. tecido lustroso e fino de algodão geralmente usado para roupa interior, blusas e camisa.

¹⁷ Os trajes que aqui se denominam *trajes à vianesa* são os utilizados em dias de festa. Caracterizam-se por um forte colorido, decoração profusa em motivos vegetalistas, lenços de lã franjados sobre os ombros e na cabeça e a utilização de muito ouro. O traje à vianesa de dó é também um traje de festa mas utilizado em caso de luto aliviado. Diferencia-se dos restantes pelas suas cores escuras em tons de azul, roxo e verde.

subsistido, porém, dada a desvalorização que sofreram ao longo da primeira metade do século, muitos podem ter sido vendidos, e outros, certamente, perderam-se por deterioração dos materiais.

Em relação ao traje à vianesa de dó, apresentam-se aqui três opiniões:

«...o traje de dó teve origem com o pintor José de Brito, o qual tinha duas netas tecedeiras que quando lhes faleceu um familiar fizeram um traje à vianesa azul-escuro desenhado pelo avô. O nome delas era Maria Janeirinha e Flávia¹⁸»

«...o traje à vianesa azul surgiu em Perre. Foram tecedeiras de Perre que o criaram no século XX. Há um tapete em ponto de cruz que serviu como prova, depois passaram o desenho desse tapete para o avental. Foram elas que criaram o avental das cinco rosas. Segundo a tecedeira que dizia tê-lo criado, a “Tia Ventura do Branquinho”, não havia trajes azuis até à época. Isto seria por volta de 1940. Ela criou o traje e foi passear com o Sr. Amadeu Costa para a cidade. Um mês depois, recebeu encomendas para fazer mais trajes para a Meadela, Perre, Santa Marta de Portuzelo, etc¹⁹.»

Outra das entrevistadas disse ter sido seu o primeiro traje à vianesa azul. Esse traje foi criado nos anos quarenta para ela e mais duas amigas, a “Lucinda de Morais” e a “Minda do Camelo”. A tecedeira foi a “D. Maria da Hora” e inspirou-se em lenços azuis pertencentes à avó da entrevistada.²⁰

Apesar destes relatos, tal como elucida António Medeiros:

«Um bairrismo pouco crítico leva certas pessoas a atribuir a origem deste fato à paleta do pintor José de Brito, que viveu em Santa Marta de Portuzelo. Deve ter-se em consideração que ele estava plenamente definido em 1888, figurando, juntamente com um fato vermelho, em manequins do Museu Industrial e Comercial do Porto, fundado por Joaquim de Vasconcelos em 1886²¹.»

Independentemente da sua origem, este traje estava longe de ser utilizado apenas por luto no segundo quartel do século XX. As entrevistadas afirmaram utilizá-lo em qualquer festa que estivessem de luto ou não.

Quanto à forma como o traje deve ser vestido, em geral, é referido que primeiro se calça as meias e as chinelas e veste-se a camisa. Segue-se o colete, os saiotes, a saia, algibeira e avental. Por último, põe-se os lenços e o ouro.

¹⁸ Conceição Cunha, natural da freguesia de Santa Marta de Portuzelo, nasceu a 15 de Setembro de 1925.

¹⁹ Judite Afonso Carvalhido Pinto Cardoso, natural da freguesia de Perre, nasceu a 29 de Setembro de 1929.

²⁰ Maria José Martins Pires Moreira, natural da freguesia de Perre, nasceu a 25 de Março de 1934.

²¹ MEDEIROS, António - Um Traje da Nação in BOTELHO, João Alpuim; MEDEIROS, António; PE-REIRA, Benjamim - *Uma Imagem da Nação: Traje à Vianesa*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2009. cap.1, p.135.

O lenço do peito, nas freguesias do litoral é preso no colete, e nas freguesias da baixa ribeira lima na saia. De preferência, quando preso na saia, deve atar atrás, mas se não for possível, prende-se só dos lados.

O comprimento das saias deve ser a meio da perna de forma a mostrar as meias e a roda deve ser larga. As senhoras mais magras usavam vários saiotes ou uma toalha dobrada na cintura para dar volume. Uma delas usava uma *mochila*²² e algumas admitiram colocar tecidos ou algodão para dar mais volume ao colete na zona do peito.

Por vezes misturavam peças contemporâneas com trajes regionais: vestiam a saia, avental, algibeira, meias e chinelas do traje à vianesa com uma blusa de chita.

Era muito importante que o traje estivesse em bom estado de conservação, limpo, e com a camisa sem vincos.

Esta importância de saber bem vestir o traje e ostentá-lo é referida também por Afonso do Paço: «É pena, porém, que quem os veste, não saiba em geral ostentá-los com a elegância e gracilidade das lavradeiras dos arredores de Viana, tornando uma coisa vulgar e sem gosto o traje mais gracioso do nosso país²³.»

A utilização destes trajes é feita em festas e romarias, grupos folclóricos, recepções de entidades, inaugurações de edifícios, festas de Carnaval, e num dos casos a entrevistada disse ter fundado um grupo folclórico em Moçambique cujos elementos envergavam trajes à vianesa.

Outro aspecto interessante decorreu, não das entrevistas, mas de uma visita ao Museu do Traje de Viana do Castelo por parte de uma das entrevistadas²⁴. Nesta visita, ao observar os trajes de domingo lá expostos, a entrevistada fez o seguinte reparo: “Estas saias com moscas²⁵ são de São Lourenço da Montaria.” O interessante desta afirmação está no facto dos trajes expostos terem sido adquiridos pelo colecionador Amadeu Costa. Este adquiriu grande parte da sua coleção precisamente na freguesia referida pela entrevistada. Fica-se assim com a ideia que, neste período, os trajes montarienses se caracterizavam pela utilização de moscas na decoração das saias e que isso era reconhecido como uma característica local.

Já em 1930, Cláudio Basto fez um reparo semelhante, dizendo que as saias do traje de dó de São Lourenço têm moscas.²⁶

²² Almoçada em forma de meia-lua que era colocada à volta da cintura.

²³ PAÇO, Afonso do – *Etnografia Vianesa*, p. 37.

²⁴ Maria Rosa Martins Manso Gigante Gonçalves, natural da freguesia da Meadela, nasceu a 10 de Novembro de 1929.

²⁵ Nome dado a uma técnica de tecelagem em que os fios são puxados de forma a criar pequenos pontos em alto-relevo.

²⁶ BASTO, Cláudio – *Traje à Vianesa*, p. 24.

Relativamente ao traje de noiva/mordoma²⁷, nenhuma das cem pessoas entrevistadas teve este traje. Na mordomia usavam o traje à vianesa ou um fato de fazenda com um lenço e sapatos ou chinelas. Como testemunha Afonso do Paço: «As lavradeiras de Santa Marta, Meadela e Serreleis substituíram este traje dispendioso e pouco usado por um de fazenda de cor.

A saia apertada por cima da blusa e esta é larga e de gola alta, bordada a seda da cor da fazenda e missanga. O lenço é de seda da cor do vestido²⁸.»

No casamento, também optavam por um fato de fazenda com um lenço de seda pérola. Mais tarde os lenços de seda foram substituídos por véus.

Das gerações anteriores também não há nenhuma indicação da existência destes trajes, fazendo-nos acreditar que terão caído em desuso na passagem do século XIX para o século XX. Segundo um texto de 1935 de autoria desconhecida,

«Este traje, com pequenas variantes, estava muito espalhado, e como era confeccionado com bons tecidos e usado apenas em soleníssimas ocasiões, passava de mães para filhas durante gerações.

De alguns temos notícia que vestem quatro noivas da mesma família – bisavó, avó, filha e neta – conservando-se no baú, entre peças de lindas maçãs encarquilhadas, prontos para durar outros tantos anos.

Usava-se, que saibamos, nas freguesias de Perre, Meixedo, Cardielos, Lanheses, Vilar-de-Murtedo e Montaria.

Devia, porém, ter muito mais área de dispersão.

Hoje, saia apenas das arcas, por exemplo, para figurar nas magníficas paradas regionais que, em Viana, por ocasião da grande romaria da Agonia se realizam [...]»²⁹.

Apesar da inexistência desta tipologia de traje junto dos entrevistados, estes lembram-se de ver noivas e mordomas nos cortejos na Romaria de Nossa Sr.^a da Agonia e em Grupos Folclóricos.

Ainda sobre este traje, não foram encontradas referências do seu uso em funerais por parte do defunto³⁰.

Apesar de não terem sido encontrados testemunhos sobre o assunto, sabemos que ainda hoje muitas lavradeiras de idade avançada guardam uma roupa específica para ser utilizada quando morrerem. A maior parte guarda a melhor roupa que tem: geralmente, um fato de

²⁷ Este traje distingue-se dos restantes pelo seu tom preto e por uma composição de materiais como a seda, veludo, tecidos adamascados, missangas e vidrilhos.

²⁸ PAÇO, Afonso do – *Etnografia Vianesa*, p. 41.

²⁹ Um Traje Antigo – *A Falar de Viana*. Viana do Castelo: Viana Festas - Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo, 2010, p. 92.

³⁰ Não se sabe a origem, mas muitas pessoas transmitem a ideia que era habitual as mulheres serem sepultadas com este traje. Talvez tenha ocorrido no século XIX mas no século XX não foram encontradas provas de tal.

fazenda. Não é por isso de estranhar que tal se fizesse no século XIX com os trajes de noiva/mordoma.

Quanto à confecção dos trajes, o processo de tingimento de lãs é desconhecido pela maioria dos entrevistados o que demonstra o afastamento destas técnicas artesanais. Mesmo aqueles em que a família fazia o tingimento em casa, revelam que muitas vezes se optava pelo tingimento em tinturarias.

Resumindo um pouco as informações recolhidas sobre este processo, era colocada água a ferver num pote e nela dissolvia-se os corantes. Algumas senhoras deram o nome de anilinas³¹ ou “casulo” aos corantes utilizados. Estes eram comprados em drogarias e vinham em embalagens que explicavam o processo: a quantidade de corantes para o peso da lã, e o tempo que as fibras deveriam estar mergulhadas na solução. Durante o tingimento era necessário mexer para que os corantes ficassem bem distribuídos.

Algumas senhoras mencionam a utilização de um pouco de sal e referem que era frequente tingir a roupa de preto em caso de luto.

Em geral, em quase todas as freguesias havia produção de linho e lã, mas estes eram utilizados sobretudo para a confecção de lençóis e mantas e não de vestuário. Havia uma maior produção nas freguesias da baixa ribeira lima mas era em Ponte de Lima que a produção era mais abundante.

Existiam muitas tecedeiras que faziam tecidos para trajes à vianesa, mas só algumas conseguiam tecer aventais. Pela sua simplicidade, os aventais de Afife podiam ser tecidos pelas tecedeiras da freguesia. Os de Carreço, Areosa, Meadela e Outeiro, eram produzidos em Perre, Serreleis e Cardielos. Estes trajes que tanto se distinguem por serem característicos de determinadas freguesias, são neste período tecidos pelas mesmas tecedeiras.

³¹ «Anilina, fenilamina ou aminobenzeno é um composto orgânico, líquido entre incolor e ligeiramente amarelo de odor característico, que como muitas aminas aromáticas, lembra o cheiro de peixe podre, e um sabor aromático cáustico, de veneno amargo. Não se evapora facilmente a temperatura ambiente, sendo facilmente inflamável, queimando com uma chama fumacenta. A anilina é levemente solúvel em água e se dissolve facilmente na maioria dos solventes orgânicos. É usada, entre diversas outras funções, como matéria-prima para inúmeros corantes, advindo daí, exactamente, o uso até erróneo deste termo como sinónimo de corante.» Informação retirada de www.wikipédia.com, em 7 de Setembro de 2010.

Das tecedeiras da época foram recolhidos os seguintes nomes:

Nome	Localização
<i>Tia Rosa Mirandeira</i>	Carreço
<i>Cachoila</i>	Carreço
<i>Tia Engrácia do Petisco</i>	Carreço
<i>As Tias Quinhas Soares</i>	Santa Marta de Portuzelo
<i>As Semariquinhas</i>	Santa Marta de Portuzelo
<i>Os Sales</i>	Santa Marta de Portuzelo
<i>Sra. Rosa</i>	Santa Marta de Portuzelo
<i>A Janeirinha</i>	Santa Marta de Portuzelo
<i>As Delfinas</i>	Serreleis
<i>A Tia Carmo do Branquinho</i>	Perre
<i>A Dona Maria</i>	Perre
<i>A Maria da Hora</i>	Perre
<i>A Penusquenta</i>	Perre

As peças que teciam em casa eram depois vendidas em lojas no centro da cidade. Sobre estabelecimentos comerciais ligados à produção do traje foram recolhidos os seguintes elementos:

Afonso do Paço refere em 1930 as seguintes tecedeiras: «...afamadas e celebradas tecedeiras de aventais: a Chiolos, a Canuda, a Ribeira, a Parenta³².»

O Rancho Regional das Lavradeiras de Carreço, por volta de 1970, mandava fazer os trajes na Tia Engrácia do Petisco. A partir dessa data passaram a mandar fazer os trajes em artesãos de Perre, nomeadamente na Maria José Parente.

António Paço, em 1979, fala das seguintes tecedeiras:

«Na verdade, pertenceu a esta família uma camponesa que deu largo contributo aos desenhos, tanto para os aventais, como para os bordados: Ventura Martins Branco – daí a fama da Casa Branquinho. [...]

Se houvesse um registo de hábeis tecedeiras anotaríamos ainda uma outra de justificada fama, de nome Maria do Carmo Felgueiras Branco, residente no lugar do Calvário, em Perre – o seu local de trabalho. Na execução de aventais é realmente muito perfeita.

Dotada de invulgar imaginação (a despeito de ser analfabeta) esta mulher simples concebeu desenhos primorosos, como os que podem admirar-se no esboço em zarapilheira que lhe serviu de padrão ao traçado de uma carpete, encomendada à décadas por uma das primeiras casas de artigos regionais existentes em Viana, na Rua Sacadura Cabral, de Natário Lopes (Rendeiro). [...]

³² PAÇO, Afonso do – *Etnografia Vianesa*, p. 31.

Quando se fala de trajes, importa ouvir quem os executa, neste caso a Sr.^a Maria Dias Martins, que foi residente no lugar da Ponte, em Cardielos (o «berço» dos bordados regionais).

Sucede sua mãe Camila Martins [...]

Uma das raras casas nas aldeias de Viana onde ainda é possível fabricar um fato completo «à Vianesa» é na chamada «Zé do Branco», no lugar da Rocha, em Outeiro.

É casa afamada na tradição de tecedeiras, com relevância para a Maria Martins Manso Gigante, falecida a 20 de Maio de 1942. Sua neta, Maria da Conceição Esteves Branco dá continuidade desde 1965 de forma a honrar as tradições da família³³.

Ao longo das entrevistas foram referidos nomes de lojas que vendiam trajes ou tecidos nas décadas de 40 e cinquenta.

Nome	Localização	Produtos
<i>Os Carneiros</i>		
<i>Loja do Senhor Francisco Carneiro</i>	Junto ao Prédio do Coutinho	Loja de tecidos
<i>Os Portela</i>	Vila Praia de Âncora	
<i>Loja de Margarida Maciel Carvalho da Silva</i>	Avenida dos Combatentes da Grande Guerra	
<i>Casa Matinhos</i>	Junto ao Jardim Marginal	
<i>Tinturaria Vianense</i>	Rua Manuel Espregueira	Tinturaria
<i>Dos Pachecos</i> (Sr. Alberto Pacheco)	Junto ao Jardim Marginal	Loja de tecidos
<i>Dos Oliveira</i>		
<i>Depósito de Fazendas</i>		
<i>Loja do Branco</i>		
<i>Casa Barbosa</i>	Avenida dos Combatentes da Grande Guerra	
<i>Loja dos Francaneca</i>		Loja de tecidos
<i>Loja do Eugénio Pinheiro</i>		
<i>Casa Rendeiro</i>	Em frente à Igreja Matriz	
<i>Dona Mariquinhas dos Santos</i>	No Jardim Marginal	
<i>Loja do Joaquim Santos</i>	Junto à Igreja de São Bento	
<i>Casa Martins</i>	Jardim Marginal	
<i>Zé Sapateiro</i>	Vila Praia de Âncora	Vendia chinelas
<i>Pato</i>		Vendia socos e chinelas

³³ PAÇO, António – *Etnografia do Alto Minho - Distrito de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Jornalismo do Centro de Estudos Regionais, 1979, p. 62-63.

Em relação ao número de espaços comerciais na cidade que vendiam trajés temos: 8 em 1951; 10 em 1960; 13 em 1969; 20 em 1976; 12 em 1999 e 21 em 2005.³⁴

No caso da confecção de meias, apenas três das entrevistadas sabiam executá-las. Segundo as mesmas, a parte mais difícil era a curvatura do calcanhar, motivo pelo qual muitas senhoras sabiam fazer piúcas mas não sabiam fazer meias. Este aspecto torna-se interessante pois nunca se calçam meias com socos. As meias são sempre acompanhadas por chinelas e isto poderá dever-se ao facto destas terem um acabamento mais macio. Pelo grau de dificuldade, material gasto, e tempo despendido, as meias deveriam ser muito mais caras que as peúgas, e, por isso, deveriam ser preservadas o máximo possível.

Sobre a conservação dos trajés, concluiu-se que apenas as camisas, saíotes e meias podem ser lavados. As restantes peças requerem cuidados acrescidos para que não se sujem. Um dos cuidados é a jovem levantar a saia caso tenha bordados na barra quando se quiser sentar, como forma de evitar sujá-los. Outro é evitar fazer refeições quando se está trajado, mas caso não seja possível, deve-se proteger o traje com um guardanapo.

Apesar do traje à vianesa não poder ser lavado, as saias de riscas utilizadas para trabalhar podiam, mas com cuidados especiais. Lavavam-se no rio no sentido da corrente da água de forma a evitar o tingimento das cores. Ao secar eram postas sobre galhos de forma a ficarem na vertical e abertas, também para não tingir.

Guardavam os trajés em arcas de madeira ou gavetões de cómodas. Tinham o cuidado de esticar bem as peças para não formar vincos, e protegê-las do ataque de insectos. Essa protecção podia ser feita embrulhando o traje em lençóis de linho, ou colocando junto destes produtos tais como: naftalina, folhas de eucalipto, *castanhas de burro*, bolas de magnólia, frascos de perfume, limoária, grãos de pimenta, ervas aromáticas, sabonetes e folhas de figueira.

Como refere Afonso do Paço, «Usa-se poucas vezes e passa a mor parte da vida adormecido no fundo da caixa de castanho, entre maçãs cheirosas e sementes de eucalipto, que afugentam a traça³⁵.»

Alguns destes produtos serviam não só para proteger do ataque de insectos, como para aromatizar a roupa. Não se sabe ao certo a sua eficiência, sabe-se apenas que os insectos que atacam as fibras alimentam-se de celulose. Como o linho não tem este componente, não é atacado, no entanto, a madeira e têxteis como a lã e algodão são.

³⁴ PIRES, Ana – *Caderno de Especificações do Bordado de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2000, p. 10.

³⁵ PAÇO, Afonso do – *Etnografia Vianesa*, p. 38.



Imagem 3 - Maria Rosa Gigante com várias peças de ouro em dia festivo.

Quando retiravam o traje das arcas e cómodas, devido ao cheiro intenso dos produtos utilizados, colocavam o traje ao sol antes de o vestirem.

Quanto a arranjos de costura, estes não eram muito frequentes. O mais comum era a alteração do comprimento das saias. Se a jovem crescesse podia-se descoser a barra da saia e voltar a coser mais a baixo de forma a aumentar o seu comprimento.

Por último, relativamente ao ouro, percebeu-se que em média, usavam uns brincos pequenos e uma fieira com uma medalha quando estavam a trabalhar. Não usavam muito ouro porque este prendia-se facilmente noutros objectos podendo danificar-se ou até perder-se.

Ao domingo, usavam uns brincos maiores, e para além da fieira, um cordão com uma peça e um alfinete ou colar de contas.

Quando usavam o traje à vianesa usavam uns brincos “à rainha”, um ou dois cordões, uma ou duas peças, e um colar de contas.

Quando eram mordomas, pediam ouro emprestado ao agregado familiar, podendo levar uns quatro cordões, quatro peças, dois alfinetes, e um colar de contas.³⁶

³⁶ Isto são apenas referências gerais recolhidas nas entrevistas. Evidentemente que não existem padrões, o importante aqui é perceber a quantidade média utilizada.

Como recebiam ouro de presente de casamento dos pais e dos sogros, as noivas poderiam usar um pouco mais de ouro.

O ouro não era preso à roupa com alfinetes ou costuras como actualmente se faz. Ia solto, no máximo com um alfinete também em ouro a prendê-lo. Segundo umas das entrevistadas³⁷, foi a esposa do Dr. Sousa Gomes, ex-dirigente do Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo, que inventou o peitilho porque coser o ouro nas casacas danifica-as. Independentemente da autoria, a verdade é que usar muito ouro quando se dança é incómodo uma vez que este se move.

CONCLUSÕES

Dentro das informações recolhidas nas entrevistas, foi interessante notar que estas se tornaram úteis para se perceber a evolução das formas e do uso dos trajes no período abordado. Numa época em que o linho e a lã estavam a ser substituídos por tecidos industriais, conseguiu-se ter uma melhor percepção da forma como esta transição se operou.

Trata-se de um trabalho que poderá servir agora de base para uma investigação mais alargada e aprofundada, através do estudo directo das peças que compõe estes trajes, registos fotográficos, registos videográficos, livros, testamentos, entre muitos outros.

Quanto aos elementos que descrevem características do ponto de vista imaterial, poderão ser cruzados com outros estudos de áreas tão díspares como a história, a antropologia e até a psicologia, de forma a permitir compreender as origens de alguns comportamentos.

O estudo das décadas seguintes até ao final do século XX poderá também revelar elementos interessantes sobre o rumo destas transformações aqui abordadas. Talvez assim, com um estudo mais aprofundado sobre a história recente destes trajes se consiga chegar a informações mais precisas sobre as suas origens do século XIX.

Espera-se assim que este estudo abra novos caminhos na investigação material e imaterial destes trajes que marcaram a história da cidade de Viana do Castelo.

³⁷ Maria Júlia Morais Cunha Ribeiro, natural da freguesia de Santa Marta de Portuzelo, nasceu a trinta de Novembro de 1925.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alberto A. – Prolegómenos Para Um Estudo do Traje à Vianesa. *A Falar de Viana*. Viana do Castelo: Viana Festas - Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo, 2000.
- A.F. – Trajes Regionais. *A Falar de Viana*. Viana do Castelo: Viana Festas - Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo, 2001.
- ARAÚJO, José Rosa – Algumas Notas Sobre o Traje Popular do Baixo Lima. *Arquivo do Alto Minho*. Viana do Castelo: Arquivo do Alto Minho, 1955, Vol. 5.
- ARAÚJO, José Rosa – Notas Sobre o Traje Popular Vianês II. *Arquivo do Alto Minho*. Viana do Castelo: Arquivo do Alto Minho, 1957, Vol. 7.
- ARAÚJO, José Rosa – Romaria da Agonia. *A Falar de Viana*. Viana do Castelo: Viana Festas - Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo, 2006.
- BASTO, Cláudio – *Traje à Vianesa*. Gaia: Edições Apolino, 1930.
- BOAVENTURA, Manuel – Arte de Saber Bem Vestir. *A Falar de Viana*. Viana do Castelo: Viana Festas - Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo, 2002.
- BOTELHO, João Alpuim; MEDEIROS, António; PEREIRA, Benjamim – *Uma Imagem da Nação: Traje à Vianesa*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2009.
- COELHO, B.D. – Indústria Caseira de Fiação, Tecelagem e Tingidura de Substâncias Têxteis no Distrito de Viana do Castelo. *Materiais Para o Estudo do Povo Português*. Porto: Portugália, 1898, Tomo I.
- COENTRÃO, Abel – O Traje à Minhota, ou a Breve História de como se Constrói a Imagem do Povo. *A Falar de Viana*. Viana do Castelo: Viana Festas - Associação Promotora das Festas da Cidade de Viana do Castelo, 2008.
- COSTA, Amadeu; FREITAS, Manuel Rodrigues – Trajar e Ourar. *Cadernos Vianenses*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2002, Vol. 32.
- FREITAS, Manuel Rodrigues – Ouro. *Cadernos Vianenses*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2002, Vol. 32.
- LIMA, José da Silva – A Festa e a Festa Vianense. *Cadernos Vianenses*, 2001, Vol. 29.
- MACKAY, Nancy – *Curating oral Histories. From Interview to a Archive*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007.
- OLIVEIRA, Adelina Berta de – *Subsídios Para o Estudo da Decoração do Traje Regional de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2007.
- ORTIGÃO, Ramalho – *As Farpas*. Lisboa: David Corazzi, 1887.
- PAÇO, Afonso do – Contribuição para o Estudo do Trajo Popular Dito «À Lavradeira» no Concelho de Viana do Castelo. *A Águia*. Lisboa: Revista A Águia. Agosto, 1925.
- PAÇO, Afonso do – *Etnografia Vianesa: Colectânea de Trabalhos de Etnografia*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1993.
- PAÇO, António – *Etnografia do Alto Minho - Distrito de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Jornalismo do Centro de Estudos Regionais, 1979.
- PEREIRA, Benjamim – *A Lã e o Linho no Traje do Alto Minho*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2004.
- PEREIRA, Benjamim – Técnicas de fiação primitiva - as rocas portuguesas. *Cadernos de Etnografia*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, 1967, 2.ª série.
- PIRES, Ana – *Caderno de Especificações do Bordado de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2000.
- VASCONCELOS, J. Leite – *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1983.
- VASCONCELOS, Maria Emília Sena de – Sobre os Trajes do Minho e os da Galiza. *Cadernos Vianenses*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2000. Vol. 27.
- VIANA, Abel – *O Alto-Minho na Obra Etnográfica de Abel Viana*. Viana do Castelo: Academia de Música de Viana do Castelo, 2000.